

Anticomunismo, Democracia e Geopolítica segundo Pinochet

Anti-communism, Democracy and Geopolitics by Pinochet

Ricardo Antonio Souza Mendes¹

rasmric@oi.com.br

Resumo. Este artigo pretende analisar uma das primeiras obras de Augusto Pinochet Ugarte, intitulada *Ensayo sobre um estudo preliminar de uma geopolítica de Chile en el año de 1965*. Personagem que encarna a própria ditadura civil-militar chilena, Pinochet foi professor da Academia de Guerra ao longo dos anos 1960. Este trabalho, fruto da recopilação de anotações elaboradas a partir de suas aulas, apresenta já uma série de considerações acerca da crescente mobilização popular. Questionando a possibilidade de a democracia ser um regime político que possibilitasse ao Estado as ferramentas necessárias para conter a “expansão comunista”, Pinochet sugere que o conceito de democracia deveria ser “modernizado”, que o Estado deveria desenvolver uma política para conter os excessos vindos do exterior e convocava a classe dirigente chilena a criar um muro de contenção contra a expansão do comunismo, todas as propostas feitas ainda ao longo do governo de Eduardo Frei, momento da elaboração de seu *Ensayo*.

Palavras-chave: anticomunismo, regimes militares, Pinochet.

Abstract. This article intend to analyze one of the first works of Augusto Pinochet Ugarte, entitled *Ensayo sobre um estudo preliminar de uma geopolítica de Chile en el año de 1965*. Character who embodies the Chilean civil-military dictatorship itself, Pinochet was a professor of the Academy of War during the 1960s. This work, resulting from the compilation of notes drawn from his classes, already shows a series of considerations about the growing popular mobilization. Questioning the possibility of democracy as a political system that would enable the State the necessary tools to contain the “communist expansion”, Pinochet suggests that the concept of democracy should be modernized, the State should develop a policy to curb excesses from abroad and convoke the Chilean ruling class to create a retaining wall against the spread of communism. All proposals were made even during the government of Eduardo Frei, the time of writing his *Ensayo*.

Key words: anti-communism, military regimes, Pinochet.

¹ Professor Adjunto de História da América da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisador do Núcleo de Estudos das Américas (NUCLEAS) e afiliado à ANPHLAC (Associação Nacional dos Pesquisadores e Professores em História das Américas).

Introdução

Em 1973, o governo do então Presidente Salvador Allende foi derrubado por um movimento civil-militar. Uma das lideranças do movimento foi Augusto Pinochet Ugarte. Embora não possa ser considerado como a liderança incontestável do movimento em sua fase inicial, o mesmo acabou por assumir um papel de destaque que não pode ser ignorado. Alçado por Allende ao cargo de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas Chilenas por conta de um pretensão legalismo constitucional, desempenhou uma função-chave no desencadear dos acontecimentos daquele 11 de setembro de 1973. Mesmo tendo sido convidado somente no final das articulações golpistas, o fato de Pinochet ser, naquele momento, comandante-em-chefe, conferiu um grau de legitimidade aos golpistas. Pelo menos no âmbito institucional.

Contudo, o papel de proeminência somente foi sendo adquirido ao longo do desenvolvimento do próprio regime que Pinochet ajudou a estabelecer no poder. Para compreender um pouco mais da trajetória desse personagem, proponho uma breve análise da obra *Ensayo sobre um estudo preliminar de una geopolítica de Chile en el año de 1965*. Fruto de um trabalho de recopilação de anotações elaboradas a partir de suas aulas como professor da Academia de Guerra ao longo dos anos 1960, a obra foi elaborada antes que a possibilidade de vitória da Unidade Popular fosse vislumbrada no horizonte. Nesse sentido, entendo que o texto deve apresentar um conjunto de informações sobre as perspectivas do autor e personagem de destaque do cenário político chileno que já indicavam um profundo anticomunismo, assim como um questionamento quanto a ser a democracia um regime político capaz efetivamente de evitar a pretensa “expansão do marxismo” na região, mais especificamente, no Chile.

Pinochet – a divulgação da Doutrina de Segurança Nacional

A ditadura civil-militar no Chile apresenta algumas características peculiares em relação às suas congêneres no restante do continente americano. Segundo Comblin, foi o país onde a Ideologia de Segurança Nacional se afirmou de forma “mais completa e rigorosa”, e onde a mesma se mescla menos com outras contribuições

ideológicas (Comblin, 1978, p. 183). Afinal, foi no Chile que a tomada do poder pelos militares se efetivou de forma mais intensa, com esses controlando associações de futebol, prefeituras, empresas estatais etc. Outro aspecto a compor essa posição está no grau de virulência estabelecido pelo regime contra os opositores². Comblin, mais uma vez, considera que a “ideologia chilena é especialmente radical no que se relaciona à guerra total e absoluta entre o Chile e o ‘marxismo internacional’”.

Normalmente o caso chileno é apresentado também como o exemplo no qual o neoliberalismo implementado pelos militares atingiu seu clímax, com a aplicação de uma série de medidas que apresentavam o país como modelo a ser seguido por outras nações da região, segundo seus defensores. Liberalismo e Doutrina de Segurança Nacional seriam os dois lados da mesma moeda. A ideia de que a DSN se caracterizaria pela defesa da implementação do liberalismo apresenta-se altamente questionável na atualidade, embora ainda seja predominante dentro da historiografia³.

Outra característica específica dessa ditadura estaria na singularidade de ela ter se desenvolvido na forma de um poder pessoal, personalizando o regime na figura de seu líder: Augusto José Ramón Pinochet Ugarte. Essa posição, desfrutada por ele, teria sido obtida, não obstante, mediante o desenvolvimento de uma luta pelo poder que tão somente foi concluída ao longo dos anos de 1975 e 1976. Perante o núcleo central da conspiração – o grupo dos 15 – Pinochet não teria peso, e foi, inclusive, convidado tardio. O exército, na figura de seus dois oficiais mais antigos (Augusto Pinochet e Orlando Urbina Herrera), não estava envolvido no núcleo original do complô. Nesta arma, segundo Zárate (2006), eram os oficiais de “generato de inferior jerarquia en el escalón” os que articulavam o golpe. A autora afirma que Pinochet

se sumó muy tardíamente a la conspiración [...]. Su carácter de recién llegado incidió en su frenética búsqueda de legitimidad tanto entre sus pares, como a nível institucional y social, que le permitiera alterar la correlación de fuerzas dentro de la junta (Zárate, 2006, p. 227).

Sua hegemonia foi construída paulatinamente ao longo dos primeiros anos do novo regime. A ideia inicial era a de ser implementado um rodízio dentre os

² Algumas obras apontam cerca de 35.000 vítimas nos primeiros meses do regime.

³ Como obras representativas de uma historiografia que associa a Doutrina de Segurança Nacional ao liberalismo, cito: Collier (1982, p. 36, 346, 358); Comblin (1978, p. 99); O'Donnell (1990, p. 24-91); Padrós *et al.* (2000); Coggiola (2001, p. 53); Collier e Sater (1996, p. 313) e Garretón (1988, p. 151). De outro lado, Valdés assinala que a DSN, apesar de ter sido fruto das estratégias norte-americanas, foi antiliberal. (Valdés, 1980). Zárate, por sua vez, afirma que a DSN também difundiu-se dentre oficiais chilenos ainda profundamente marcados pelo ibañismo. Ou seja, altamente intervencionistas no plano econômico e social (Zárate, 2006). Em minha tese de doutoramento, assinalo que, dentre os partidos militares brasileiros, os nacionalistas-ditatoriais apresentavam uma perspectiva mais incisivamente defensora de um papel destacado para o Estado, e com reservas quanto às leis de mercado (Mendes, 2003). Para o caso argentino, por sua vez, um autor que assinala alguns desses aspectos é Fontana (1984).

componentes da junta – Jose Toribio Merino (marinha), Gustavo Leigh (FACH) e Cezar Mendoza (carabineiros), além do próprio Pinochet. Esse aspecto foi descartado por Pinochet já em 1974, quando o mesmo se arrogou o título de Presidente (Collier e Sater, 1996, p. 310).

No entanto, segundo afirma Zárate, somente ao longo dos anos de 1975 e 1976 o seu poder se consolidou, assim como a proposta que representava. O pinochetismo, segundo a autora, se caracterizava pelo conjunto de tendências

castrenses que entendían la modernización preferencialmente en términos económico-tecnológicos, que venían en la represión el instrumento más eficaz para combatir el pensamiento marxista y los conflictos sociales, y por lo mismo, creían en un desarrollo social fruto de la acción individual y no de la colectiva-comunitaria, lo cual produciría la ansiada desmovilización a través de la des-organización social (Zárate, 2006, p. 18-19).

É justamente enquanto líder máximo do que posteriormente denominou por “democracia autoritária”, modelo que defendia desde a década de 1960 sob o rótulo de “democracia real”, que Pinochet foi objeto de estudo por boa parte da historiografia. Contudo, ao se observar sua biografia, constata-se que ele apresenta uma trajetória que em grande medida o associa ao papel de difusor de determinadas perspectivas sobre a realidade chilena e do mundo daquele momento.

Zárate assinala que a consolidação do poder de Pinochet se deu mediante um debate intenso entre dois projetos de sociedade em confronto nos anos iniciais da ditadura. Afirma a autora que o seu “carácter de recién llegado incidió en su frenética búsqueda de legitimidad tanto entre sus pares, como a nivel institucional y social, que le permitiera alterar la correlación de fuerzas dentro de la junta” (Zárate, 2006, p. 22 e 27). A autora apresenta que o embate não se resumia exclusivamente numa luta pura e simples pelo poder. Para ela, como já assinalado, tratou-se também de um confronto entre projetos de sociedade distintos (liberalismo x corporativismo), bem como resultou de um conflito geracional dentro da corporação militar.

Os anos 1960 teriam marcado a ascensão “a comandos de unidades, de uma geração de oficiais formados durante a Guerra Fria e após a reorientação estratégica anti-subversiva inspirada pelos Estados Unidos” (Rouquié, 1984, p. 276). Esse grupo de oficiais apresentava uma série de novidades em sua formação. Possuía acesso às

universidades nos cursos relacionados às suas respectivas armas ou funções, como foi o caso do próprio Pinochet, que iniciou o curso de advocacia, embora acabasse por ter que abandonar o mesmo em função de uma missão militar na qual foi incluído. Possuía conhecimentos mais amplos e “una preparación más acabada en el terreno de la defensa del orden interna” (Zárate, 2006, p. 24).

Como aborda Zárate, o embate dentro da junta foi representativo também de um confronto geracional, fruto da ascensão de um novo conjunto de oficiais que não haviam se formado com base na tradição ibañista⁴. Parte desse oficialato ascende aos principais comandos das Forças Armadas ainda ao longo do governo da Unidad Popular (UP).

Pinochet pode ser enquadrado como um dos grandes divulgadores, junto a essa geração, dos princípios da Doutrina de Segurança Nacional nos anos 1960. Em sua trajetória nas Forças Armadas nas décadas de 1950 e 1960, desempenhou funções que contribuíam profundamente para esse papel de ativo formador de opinião. Como instrumento dessa difusão, a obra *Ensayo sobre un estudio preliminar de una geopolítica chilena en el año de 1965*, de autoria de Pinochet, chama a atenção. Pinochet assinala, na apresentação do trabalho elaborada para a edição de 1978:

A mis ex alumnos, hoy algunos de ellos Generales que me acompañan en la reconstrucción de esta Pátria, les recuerdo que existen principios geopolíticos que se imponen muchas veces en la conducción política y si ellos dejan de cumplirse, producen trastornos y hasta fracasos (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 9).

O autor assinala o seu papel de destaque na formação daqueles que, naquele momento, eram os companheiros de jornada daquilo que denominava por “reconstrução” do Chile. Parte desse projeto fundamentava-se na Doutrina de Segurança Nacional.

Na América Latina, essa doutrina propagou-se por diversas formas. Uma delas foi a partir das escolas militares existentes nos diversos países do continente, que eram estimuladas a adotar a estrutura de suas congêneres estadunidenses. Outra fonte fundamental foram os escritos de oficiais franceses diretamente envolvidos na Guerra da Indochina e na Guerra da Argélia, com ampla divulgação nas escolas militares da região. Observa-se também que, através de acordos militares multilaterais e bilaterais consolidados, principalmente nas Conferências do México e de acordos como o Tratado Interamericano de Assistência

⁴ O General Ibañez del Campo liderou uma gestão militar nos anos 1920 marcada por uma maior intervenção estatal, tanto no plano econômico quanto no social. Caracterizava-se pela proteção e estímulo da indústria nacional através de uma política creditícia e de subsídios à iniciativa privada. Ao mesmo tempo, buscava atender demandas de setores médios e operários, bem como incorporar setores marginalizados de forma controlada, tudo isso fruto de um profundo temor em relação ao comunismo (Zárate, 2006, p.17).

Recíproca (TIAR), além de armas e do treinamento vieram também as noções de segurança nacional e de segurança coletiva. Foi justamente no restante do continente que a Doutrina ganhou força e novos contornos, sendo reelaborada com base no anticomunismo e em princípios de geopolítica pré-existentes à sua propagação na região.

Apesar de sua difusão dar-se desde princípios de 1950, somente no fim dessa década que a Doutrina ganhou ímpeto, com a inserção de um novo conceito: a ideia de Guerra Revolucionária ou Guerra Insurrecional. Nesta, a estratégia soviética de propagação do comunismo havia assumido uma nova forma ao aproveitar-se dos conflitos coloniais e dos problemas do Terceiro Mundo para estimular a “subversão” e o aparecimento de conflitos internos com objetivo de conquista do poder por parte dos movimentos comunistas locais. O papel soviético seria de auxílio a essas populações com quadros e através do fornecimento de instrumental teórico para a análise de realidades regionais. Nesse sentido, a ameaça externa e, por consequência a preocupação com a segurança nacional, transferia-se para o interior dessas sociedades.

Os conceitos de Guerra Revolucionária e Guerra Insurrecional apresentavam-se como uma versão regionalizada da Guerra Fria. Outro aspecto que contribuiu para sua propagação foi a ocorrência da Revolução Cubana e sua guinada definitiva para o bloco soviético em 1961, concretizando, para muitos, o fantasma da ameaça interna. Além disso, a década de 60 assinala o aprofundamento de uma crise econômica que afetou boa parte dos países latino-americanos, bem como o aumento da mobilização popular reivindicando ampliação de direitos políticos, econômicos e sociais.

Nessa Doutrina, o anticomunismo presente desde o processo de modernização das Forças Armadas⁵ obtém uma série de fundamentos legitimadores. A democracia, por sua vez, encontra-se subordinada às pretensas necessidades do Estado em preservar seus valores mais tradicionais, vinculados ao que seria a “cultura ocidental”. A geopolítica caracteriza-se por ser não um instrumento a orientar as ações de um Estado. Transforma-se, antes de tudo, em um conjunto de princípios que delimitam claramente quais as possibilidades de vida política existentes. Já a “guerra revolucionária”, ou “insurrecional”, apresenta-se como o grande obstáculo a ser superado. Esses quatro elementos, combinados, vão se difundir de forma cada vez

mais intensa dentre o oficialato chileno. Considero que foi Pinochet, em função dos papéis que desempenhou nesse momento, um dos seus propagadores principais⁶.

Ao longo dos anos de 1951 e 1953, Pinochet foi professor da *Escuela Militar*, ao mesmo tempo em que desempenhava a função de Professor Auxiliar na *Academia de Guerra* e de diretor de uma revista destinada ao oficialato, a revista *Cien Aguilas*. A partir de 1953, foi nomeado como Professor efetivo na Academia de Guerra, função que desempenhou entre 1953 e 1956. Ao longo dos anos seguintes (1956-1959), Pinochet participou de uma missão militar no Equador com objetivo de organizar a Academia de Guerra desse país. Retornou à Academia de Guerra chilena ao término desse período e, em 1963, como sub-diretor, continuou a ministrar aulas até 1968.

Aspectos da trajetória de Pinochet anteriores ao golpe já foram alvo de análise por parte de alguns autores, mas de forma superficial. Comentando sobre as principais instituições propagadoras da Doutrina de Segurança Nacional, Valdés (1980) assinala que, no Chile, a DSN não foi divulgada enquanto doutrina antes de 1973. Predominava na caserna, segundo o autor, a consciência de um papel constitucional e profissional, com uma noção de segurança dentro do “total respecto del orden jurídico”. Esse fator teria sido central para que perspectivas que atribuíssem um papel de proeminência dos militares sobre os civis ou que estimulassem a eliminação da vida democrática fossem inibidas dentro das FFAA (Valdés, 1980, p. 123-124).

As principais formas de propagação da DSN no Chile teriam sido através do contingente de quase 6.000 oficiais treinados na Zona do Canal, bem como pelo trabalho de propaganda realizado por escritores, intelectuais e jornalistas chilenos de clara feição fascista, segundo afirma Valdés (1980)⁷. Todos civis vinculados ao *Instituto de Estudios Generales*, instituição financiada pela CIA segundo o autor. Como Valdés apresenta-se convicto acerca da hegemonia da Doutrina Schneider⁸ até 1973, não se interessa em investigar como a difusão dessa perspectiva ocorreu internamente no Chile dentro das Forças Armadas antes do golpe. Assinalando de forma muito breve e sem tecer considerações mais profundas, Valdés (1980) observa também certa origem da DSN, ainda que “prévia” e “superficial”, dentro da Academia de Guerra del Ejército, “la institución que se preocupó en mayor medida por desarrollar la nueva concepción de la seguridad nacional”.

⁵ Segundo Herrera (1986), o anticomunismo difundiu-se nas Forças Armadas chilenas a partir das missões militares germânicas, lideradas pelo capitão Emil Köner. O pacifismo, o questionamento ao serviço militar obrigatório e o internacionalismo seriam questões defendidas pelos socialistas tanto no Chile de fins do XIX, o que teria contribuído para a aversão dos militares em relação a esta perspectiva ideológica (Herrera, 1986, p. 92 e ss).

⁶ O coronel Ortega Prado, em obra que compõe a *Collección Academia de Guerra Del Ejercito de Chile*, portanto trabalho que possui respaldo institucional, aborda aspectos da geopolítica e de sua influência no corpo de oficiais das FFAA chilenas e ratifica esta posição (Prado, 2010).

⁷ Rouquié (1984) assinala que as FA chilenas nos anos 1960 eram compostas por cerca de 60.000 soldados e oficiais. Nesse sentido, cerca de 10% do oficialato teria se formado nas escolas norte-americanas dentro de uma concepção de guerra antirrevolucionária ou insurrecional propagada nas escolas do canal.

⁸ A Doutrina Schneider, articulada pelo general René Schneider, assinalava que o papel das Forças Armadas seria de defesa intransigente da democracia, vedando expressamente qualquer envolvimento militar em questões políticas.

Citando, mas de forma também muito breve, o papel de Pinochet e da Academia de Guerra, Valdés afirma:

*Pinochet mismo, autor de una obra elemental sobre geopolítica, sin duda ayudó a la divulgación **previa y superficial** en las academias de las fuerzas armadas chilenas de concepciones similares a aquellas en que se funda la doctrina de la seguridad nacional, y su acción política del presente sin duda se basa em las nociones que él mismo enseñó (Valdés, 1980, p. 286, grifo meu).*

Já Zárate entende que somente em meados dos 60 a temática da subversão adquiriu proeminência, pois, na ótica de alguns oficiais, o mundo estaria num momento de “descontrol de una ética jurídica internacional que debía oblicar a los estados a poner mayor atención a la situación interna de sus países”. O instrumental da DSN “comenzó a operar en forma más activa en los análisis militares y la extensión del comunismo por el continente empezó a ser vista como menos lejana” (Zárate, 2006, p. 32). Também para a autora a difusão da DSN tornou-se mais sistemática posteriormente a 1975, com a fundação da Academia Superior de Seguridad Nacional. No entanto, afirma, a Academia de Guerra era controlada pelos ideólogos da DSN e do neoliberalismo. Mesmo considerando que a Escuela de Fuerzas Especiales de Paracaidistas em 1965 tenha sido montada com base no modelo dos rangers⁹ e fonte de propagação da DSN, Rouquié e Valdés entendem que a DSN se implementou dentre a oficialidade efetivamente somente após o movimento civil-militar de 1973 (Valdés, 1980, p. 123; Rouquié, 1984, p. 308).

Por sua vez, Herrera (1986) considera Pinochet um dos propagadores da DSN, principalmente no que tange às noções de Geopolítica, assunto ao qual o futuro ditador se dedicava ministrando aulas na Academia de Guerra. Apesar de não concordar com a perspectiva belicosa da geopolítica, Pinochet adere à concepção organicista do Estado (Herrera, 1986, p. 135). A geopolítica teria por função explicar cientificamente a vida desses seres – os Estados –, proporcionando aos governantes os objetivos que devem alcançar e qual o caminho a seguir. Comentando sobre a origem do livro *Geopolítica*, Pinochet assinala:

La idea básica que sirvió como punto de partida fue el principal concepto de estudio de esta disciplina: el Estado bajo la concepción orgánica, considerado como una superpersona y como la forma más elevada de la evolución social (Pinochet Ugarte in Herrera, 1986, p. 135)¹⁰.

Democracia e sufrágio não seriam os meios adequados para o estabelecimento das metas a serem perseguidas para a preservação do Estado, segundo a perspectiva de Pinochet. Isso porque a população seria tão somente um instrumento nas mãos do Estado para alcançar determinados objetivos, já que o “poder interior del Estado le da capacidad necesaria para adoptar la modalidad política que estime más conveniente para la dirección, conducción y organización de la masa humana integrante del Estado” (Pinochet in Herrera, 1986, p. 135).

E embora Herrera se depare com certa concepção de democracia autoritária elaborada por Pinochet, aspecto central nas considerações da Doutrina de Segurança Nacional, opta por centralizar sua atenção nas análises do mesmo sobre geopolítica, também de forma muito superficial.

Em todos esses trabalhos, uma única obra de Pinochet mereceu destaque: *Geopolítica*. Pinochet, no entanto, foi autor de diversas outras ao longo das décadas de 1950 e 1960. Dentre essas cito: *Síntesis Geográfica de Chile, Argentina, Bolivia y Peru* (1953), *Síntesis Geográfica de Chile – las realciones espaciales, aspectos geográficos, geohumanos, geografía política y económica de Chile* (1955), *Geografía Militar* (sem data precisa de publicação, ora aparecendo referências de sua publicação no ano de 1957 ora 1967), *Introducción al Estudio de la Geografía Militar* (1960) e *Ensayo de un Estudio Preliminar de una Geopolítica de Chile en el año de 1965* (1968).

Buscarei analisar a obra de Pinochet intitulada *Ensayo de un Estudio Preliminar de una Geopolítica de Chile en el año de 1965*. Obra não abordada nos estudos aqui assinalados, o trabalho é fruto de anos como professor da Academia de Guerra (1953-1968), interrompidos apenas entre 1956 e 1959.

O livro foi editado pela Editora *Memorial del Ejército*, e os membros da redação eram nomeados diretamente pelo chefe do Estado Maior, o que caracteriza uma vinculação direta à estrutura das forças armadas chilenas. A obra que utilizo é de uma edição de 1979. Nessa, observam-se duas apresentações feitas por Pinochet. A primeira data de 1968 e a segunda, de 1978. Boa parte das referências sobre o livro apresenta o trabalho como tendo sido publicado pela primeira vez em 1965. Como exemplos, cito a Fundação Pinochet e a Biblioteca del Congreso Nacional.

A partir de uma análise da obra, observei indícios que ratificavam a posição de que a primeira edição é de 1965. A maioria dos dados estatísticos citados no trabalho de Pinochet vai até 1965. Por diversas vezes, o autor apresenta como referência de atualidade o ano de 1965.

⁹ O referido modelo caracterizava-se pela formação de tropas de elite treinadas em táticas de contrainsurgência e responsáveis por perseguir e aniquilar rebeldes. Portanto, entendo que sua estruturação pode ser entendida como um desdobramento da influência da Doutrina de Segurança Nacional dentre as Forças Armadas Chilenas.

¹⁰ A primeira edição de *Geopolítica* é de 1968.

Como exemplos, cito: “Chile, hasta el año de 1965, tuvo un normal crecimiento industrial” (p. 84); “Se estima que el año de 1966 la producción alcanzará [...]” (p. 89); “Es muy lamentable que hasta la actualidad que vivimos, año 1964 [...]” (p. 110).

No entanto, não pode ser desconsiderada a ocorrência de alterações em uma segunda edição, datada de 1968. Além de uma apresentação feita especificamente para essa edição, observa-se que essa assinala que a obra teria sido fruto das aulas ministradas por Pinochet na Academia de Guerra entre 1964 e 1968, estendendo o período de abordagem por mais três anos. Além disso, a identificação de elementos contextuais que dizem respeito somente ao final do governo Frei ratifica a ideia de que a obra original foi alterada. Sinal disso encontra-se nas palavras do autor quando analisa os “Factores en la Soberanía”. Segundo Pinochet:

[...] ha existido descuido en su mantención [das Forças Armadas] como instrumento bélico y aún se les ha ocupado en actividades reñidas con sus funciones netas. En ocasiones los gobiernos ha dispuesto órdenes reñidas con la idiosincracia de estas fuerzas, lo que las ha ofendido, por cuanto obligarlas a actuar en servicios que no les son propios, por razones de huelgas o de paros, han desajo una profunda herida que no es fácil de cicatrizar (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 188-189).

Segundo diversos autores (Aggio, 1993; Bitar, 1980), os anos iniciais do governo Frei foram marcados por uma expectativa positiva e por bons resultados econômicos e sociais. Contudo, os últimos anos não foram tão satisfatórios e, a partir de 1967, modificações no plano político, com adoção de restrições, diminuição do ritmo de crescimento e inflação acabaram por afetar as redistribuições iniciais. Zárate, por sua vez, afirma que foram nesses anos que as Forças Armadas passaram a ser utilizadas para a manutenção da ordem pública (Zárate, 2006, p. 37). A queixa de Pinochet relacionava-se justamente a isso.

Trabalharei aqui dentro da perspectiva de que se trata de uma obra publicada em 1965 e que a apresentação de 1968 refere-se a uma reedição. Pelo que observei, essa reedição sofreu alterações realizadas pelo autor. O mesmo não acontece com a publicação de 1979, que utilizo para o desenvolvimento deste trabalho. Tomando-se como verdadeiras as palavras de Pinochet na apresentação da obra em 1979, o autor assinala que embora visse a necessidade de “una depuración de este trabajo”, considera que “lo mejor es enemigo de lo bueno”.

A apropriação destas anotações resulta de uma perspectiva que busca identificar aspectos relativos ao pensamento político de Pinochet ao longo dos anos 1960, num

momento em que ainda exercia o papel de Sub-Diretor da Academia de Guerra do Chile e um pouco antes de ser nomeado como Chefe de Estado Maior da II Divisão do Exército, em Santiago.

A obra está dividida em três partes. O “Libro Primero” refere-se aos “elementos constitutivos del estado chileno”. É a parte mais densa e mais extensa do trabalho e está subdividida em três segmentos: relações espaciais do Chile, a influência política da população e a soberania do Chile. O “Libro Segundo” é sobre a “Contextura del estado chileno”. Já o “Libro Tercero” aborda o “desarrollo y crecimiento del estado de Chile”.

Vou analisar, neste artigo, as concepções de Pinochet quanto ao anticomunismo, à geopolítica e à democracia. Isso porque considero que a Doutrina de Segurança Nacional apareceu justamente da confluência desses fatores com a percepção contextual de que estaria a se desenvolver, naquele momento, uma nova estratégia de luta estimulada a partir da União Soviética e que ameaçava profundamente a existência das sociedades latino-americanas: a guerra revolucionária ou insurrecional.

Pinochet escreve em um contexto marcado pelo governo da Democracia Cristã, sob a presidência de Eduardo Frei (1964-1970). Esse governo foi caracterizado pela ampliação da participação popular na vida política, estimulando a sindicalização agrária, a formação de conselhos de bairros e centros familiares. Visava, antes de tudo evitar o crescimento político das esquerdas e canalizar um amplo apoio político para a Democracia Cristã. Iniciou efetivamente a reforma agrária, deu encaminhamento à nacionalização de algumas áreas da economia, bem como à criação de empresas mistas na exploração do cobre, por exemplo. Contudo, ao final de seu governo, as suas iniciativas estimularam ainda mais o desenvolvimento de forças sociais que haviam ampliado sua capacidade de reivindicação e que achavam que a possibilidade de concretizar suas reivindicações apresentava-se significativa (Mendes, 2004). Por conta disso, o final do governo Frei foi marcado pela ampliação da repressão. Dito isso, vamos à Pinochet.

Geopolítica

Pinochet utiliza-se da ideia de que o hemisfério ocidental se caracterizaria como sendo naturalmente pertencente a uma forma específica de civilização: a “civilização ocidental”. Nesse tipo de civilização, os traços preponderantes seriam os de democracia, as noções de liberdade e de humanidade, a perspectiva da pluralidade de ideias, bem como de ação.

A localização geográfica já predeterminaria boa parte do conjunto de características pertinentes a um determinado Estado. Também em função disso “se con-

sidera que Chile debe permanecer junto a USA, no por los compromisos bilaterales que los atan mutuamente [...] sino porque esta Nación ha tomado el liderazgo de la democracia en el mundo libre” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 34).

A soberania do Chile no plano internacional seria limitada, tanto por conta de não ser uma potência, e sim tão somente uma nação em desenvolvimento, como também pela carência de capitais. Outro fator de extrema importância a ser considerado era que o país também estava próximo a um “centro de atração mundial” – os Estados Unidos –, cujo poder atraía o Chile a seguir “su política en los más variados aspectos”¹¹. Nesse sentido, reconhece a supremacia norte-americana e seu papel na região de fundamental importância para garantir a segurança “en esta importante área mundial” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 35).

Pinochet avalia que, mesmo pertencendo o Chile ao bloco ocidental, o país não se veria livre de restrições, uma vez que, sendo os Estados Unidos um centro de atração, “le crea nuevas restricciones para su propio desarrollo”.

Sin lugar a dudas que la Nación del Norte es una de las potencias que más influyen en la libertad soberana de los Estados Americanos, aunque nosotros expresemos que esta influencia se ve disminuida en gran parte por la comunidad de metas políticas y sociales que se ha trazado Chile como Nación libre e independiente y que hoy realiza su ‘Revolución de Libertad’, sin conocer aún cuáles serán los verdaderos alcances en el freno que desea poner al comunismo internacional (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 191).

Para exercer com mais eficácia a sua soberania, tornar-se-ia importante revisar os aspectos legais que se apresentam como obstáculos que “retrasan su acción” no impedimento de que as influências estrangeiras se efetuem e afetem a soberania nacional.

Pinochet considera o Estado-nação enquanto um ente-vivo, “una superpersona”, que possui demandas de crescimento externo, mas também, e principalmente, uma necessidade vital de ordem para a manutenção da integridade como forma de evitar a decadência. Esse último aspecto seria, inclusive, o que efetivamente preocupava Pinochet, em função da ausência de conflitos entre nações na região. Segundo afirma, fazer frente à ameaça comunista significaria estar imune a sua penetração para que a decomposição por dentro não se estabelecesse “como lo há

realizado en todas las naciones que há agredido creando ‘Bases Ideológicas’ para el total dominio” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 23).

Outro aspecto importante no seu pensamento político é a ideia de isolamento histórico do Chile. Desde uma de suas primeiras obras o general faz referência a essa característica e a apresenta como um elemento-chave para se compreender o caráter nacional chileno.

[...] la situación de aislamiento, que ha vivido Chile en el siglo pasado [XIX], lo ha favorecido en su formación como nación independiente, permitiéndole la formación de una raza homogénea, con verdadera conciencia de su “valor” y de su nacionalidad (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 10).

Nos anos 1960, essa característica fundamental do Chile apresentaria desdobramentos intimamente relacionados tanto com a perspectiva de geopolítica quanto em relação ao anticomunismo de Pinochet. Segundo afirma nesse momento, um dos desdobramentos desse isolamento seria a ratificação da aversão ao que é estrangeiro. Nas palavras do autor, “foráneo” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 51). Esse isolamento colaboraria para que o Chile buscasse saídas por si mesmo e, ao mesmo tempo, fosse caracterizado por uma menor influência estrangeira. As características geográficas do Chile estimulariam, ainda, um “espíritu ‘nacionalista’ que se contraporía a uma ideia estrangeira do que seria o comunismo, internacionalista por natureza, já que o “aislamiento de Chile creó una estrecha relación sangre-suelo y formó consecuencia, una típica unidad geopolítica, con un gran sentimiento nacionalista en el alma de cada ciudadano” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 64, 147). O isolamento teria diminuído em função da construção do canal do Panamá e dos avanços tecnológicos ocorridos principalmente no pós-Segunda Guerra. Esse isolamento anterior teria possibilitado, no passado, uma grande independência política que estava se perdendo.

Nessa nova conjuntura, o Estado deveria desenvolver uma política própria para “frenar los excesos que vienen desde el exterior y dar a conocer al mundo sus propias iniciativas (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 51). Pinochet parece fazer referência tanto aos desdobramentos econômicos quanto aos aspectos políticos desses excessos. No plano político, isso significaria a possibilidade de expansão de doutrinas “foráneas”. O isolamento do Chile teria contribuído também para o desenvolvimento de

¹¹ A ideia de “centros de atração” é uma perspectiva que já se manifestava na elaboração de uma de suas primeiras obras, publicada em 1955. Nesse momento, Pinochet era oficial de estado maior e professor da Academia de Guerra. Segundo o autor, os “centros de atração” são “las naciones o continentes que en un ciclo vital de la humanidad, sobresalen por sobre los demás Estados por su cultura, economía, densidad de población, poderío bélico etc” (Pinochet Ugarte, 1955, p. 5). Como observado, a editora não é identificada nem no original utilizado neste trabalho nem nas referências relativas à publicação de 1955 presentes na Biblioteca del Congreso Nacional (s.d.).

uma fraternidade chilena que, segundo o autor, teria uma importância significativa para a contenção do comunismo.

Pinochet entende que o comunismo seria algo diverso de tudo o que havia se desenvolvido até então no Chile, e confrontava-se com a “índole chilena”. A referida doutrina significava a negação da busca por alternativas próprias, do espírito nacionalista e da fraternidade que caracterizariam a cultura do país. Já a influência exercida pelos Estados Unidos e pela ideologia liberal era considerada como natural, porque oriunda do hemisfério ocidental e porque defendia os valores que eram considerados, também de forma natural, como intrínsecos à cultura ocidental.

Ratificava-se, assim, uma das principais perspectivas da Doutrina de Segurança Nacional que atrelava o hemisfério ocidental a uma série de valores pretensamente liberais, cristãos e capitalistas¹². E tudo aquilo que se confrontasse com esses valores somente poderia ser de origem estrangeira. Portanto, resultante da estratégia soviética de expansão do comunismo.

O anticomunismo de Pinochet

Mais de dez anos antes da publicação de 1968, questões relacionadas ao comunismo e ao confronto da Guerra Fria não mereciam maior atenção por parte de Pinochet. Em obra publicada no ano de 1955, Pinochet assinala que caso os dois principais “centros de atração” entrassem em confronto, esse conflito mundial não afetaria a América do Sul, mas tão somente o hemisfério norte:

En caso de un conflicto mundial, la ubicación de Chile en América del Sur, alejado de las masas continentales del hemisferio Norte, donde es posible se desenvuelva la contienda, permite apreciar que por ubicación el área chilena estaría a cubierto de los estragos de la guerra (Pinochet Ugarte, 1955, p. 10).

Nenhuma referência a questões relativas às novas formas de confronto que estariam se desenvolvendo – tais como a da guerra insurrecional ou revolucionária – encontra-se presente nesta obra. Quase treze anos depois, a situação modificou-se profundamente e a ameaça comunista, antes distante em função do possível palco para o desenvolvimento do confronto ser extremamente afastado, naquele momento estaria próxima e presente. A situação havia se modificado, dentro de sua perspectiva. Ao que parece, em grande medida fruto da percepção que o autor desenvolveu em relação ao governo de Eduardo

Frei, da Democracia Cristã. O instrumental da geopolítica em articulação com o anticomunismo do autor passou a vincular-se mais intensamente a partir desse momento.

Dentro de uma concepção biológica de nação, que está profundamente presente na Doutrina de Segurança Nacional, essa é tratada como um ente vivo (Comblim, 1978, p. 25; Herrera, 1986, p. 151). Nessa concepção, um Estado se equivaleria a um super-ser, possuindo as mesmas necessidades de crescimento que um indivíduo. A perspectiva organicista – denominação dessa forma de conceber o Estado – pressupunha a necessidade de existência de um espaço através do qual ele pudesse se expandir. Esse crescimento, necessidade similar à existente nos entes vivos, ocorreria calcado no estabelecimento de guerras através das quais a continuidade do ciclo de vida do Estado estaria garantida (Herrera, 1986, p. 119).

Por outro lado, também fazia parte dessa concepção organicista a ideia de preservação da integridade interna contra males que pudessem acometer o Estado e que inviabilizassem a sua existência. Essa integridade seria igualmente importante para a sobrevivência do Estado, já que se apresentava como uma das principais causas de sua decadência. Também tal como um indivíduo, um Estado poderia ser acometido por doenças, contra as quais deveriam ser desenvolvidas estratégias que viabilizassem sua existência de forma “sã” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 124).

Em suas análises, Pinochet acaba por abandonar a perspectiva de conflito entre os Estados, já que isso não dizia respeito à realidade latino-americana. No que tange à sociedade chilena, por outro lado, seria um momento em que o corpo da Nação chilena estaria sofrendo um sério ataque. O país estaria sendo acometido de uma infecção grave, uma doença que afetava o corpo da nação como um câncer: o comunismo (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 20). O contágio, segundo Pinochet, já estaria em franco desenvolvimento e com um alto grau de intensidade. A ameaça não se dirigiria apenas contra o Chile:

Sin embargo, pese a todos los problemas que debió enfrentar la URSS, en ningún momento descuidó la parte ideológica, por el contrario, ella fue incrementada a todo nivel, y así es como la propaganda marxista se distribuye en la mayoría de los países del mundo, con o sin relaciones diplomáticas. Para ello fue preciso iniciar previamente una intensa campaña a favor de sus planteamientos con el fin de crear en todos los países ‘bases ideológicas’ destinadas a servirle de plataforma a su futura acción expansiva e imperialista (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 25).

¹² A defesa de princípios capitalistas não significa necessariamente a defesa do liberalismo, conforme assinalado anteriormente.

A ideia central dessa concepção é a de que a União Soviética estaria em uma etapa de franca expansão, resultado direto do fato de ser um país imperialista¹³. Com esse objetivo, os partidos comunistas das nações latino-americanas estariam sendo acionados a partir do exterior. O objetivo seria a obtenção de simpatizantes, sobre os quais seria exercido um rígido controle para transformar esses militantes em “legiones de verdaderos fanáticos” que iriam subverter a ordem e provocar a submissão dos países da região perante os soviéticos.

A Revolução Cubana teria indicado que o alvo dessa nova fase expansionista seria a América Latina. Essa revolução era encarada tão somente como instrumento soviético para alcançar seus objetivos de domínio na região. A vitória dos Estados Unidos diante da questão cubana¹⁴ não teria significado, para a União Soviética, um retrocesso na sua expansão pelo mundo e, mais especificamente, sobre a América Latina. Naquele momento, pelo contrário, os comunistas soviéticos estariam desenvolvendo alternativas estratégicas que viabilizassem a continuidade desse avanço, agora por novos meios. Seriam estratégias diversificadas que buscariam ampliar a posição soviética no continente, como parte da luta desenvolvida na Guerra Fria. Em vez do confronto direto, os comunistas visariam à infiltração que estaria se desenvolvendo em todos os níveis, em todas as atividades que se desenvolvem em um estado (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 26).

Nessa nova estratégia, buscava-se a propagação do ideário marxista pelas mais diferentes formas. As principais seriam através dos meios de comunicação e das universidades. No entanto, a ação propagandística dessa ideologia que seria estranha à realidade chilena fazia-se mais presente e com maior possibilidade de eficácia dentre os universitários. A possibilidade do sucesso dessa empreitada seria grande por diversos motivos. Era um segmento marcadamente jovem e, neste sentido, profundamente idealista. E era desse idealismo que os comunistas pretendiam se aproveitar, instrumentalizando-se do mesmo para estabelecerem, dentre os universitários, “legiones de verdaderos fanáticos”.

Complementando este quadro, no Chile a educação estaria cada vez mais sendo deixada de lado em prol da política. Aparece, aqui, uma crítica de Pinochet aos quadros políticos do país, que teriam colaborado

profundamente para a degeneração da situação política da nação. Por último, a ação de professores marxistas desenvolvia-se amplamente, influenciando diretamente na posição adotada pelos estudantes em relação aos embates políticos daquele momento.

Uma propaganda complementar efetuada através dos meios de comunicação colaborava para isso (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 190). Em atividades nas quais a rotina de trabalho seria muito dura e as condições de vida bastante modestas, haveria um terreno mais propício para a sua propagação (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 88). A propaganda “forânea” utilizava-se ainda da exaltação de personagens estrangeiros em detrimento dos que seriam os verdadeiros heróis nacionais. Isso colaborava para que tudo que fosse relacionado com a tradição da sociedade chilena estivesse ameaçado. Essas ideologias “forâneas” afetavam diretamente “todo lo que sea tradición” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 181). E, nesse sentido, Pinochet condena qualquer tipo de contato com a URSS uma vez que isso poderia colaborar para a invasão de uma “propaganda nefasta” de maneira ainda mais intensa. Os defensores dessas ideias estrangeiras buscariam, de todas as formas, destruir o sentimento nacional e a tradição, “lo que pude tener consecuencias muy serias para el país”.

O tempo estaria correndo favoravelmente ao comunismo. E afirma:

Se estima que si los gobernantes chilenos no se preocupan de poner atajo a esta penetración ideológica soviética, si no se detiene con medidas paliativas a la penetración de las ideas forâneas, la Nación Chilena va a verse forzada en el futuro, a tener que suportar graves situaciones políticas conflictivas, cuyas consecuencias no se pueden calcular y que aún pueden llevarnos a extremos de perder la independencia y la soberania (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 34).

Contra o ataque da “propaganda forânea” que exaltava personagens estrangeiros em detrimento dos heróis chilenos esperava-se uma ação do “supremo gobierno para paliar esta seria agresion a nuestro acervo espiritual como Estado libre y soberano” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 174). Segundo o autor, o acirramento da luta

¹³ Essa concepção está associada à perspectiva norte-americana em relação ao embate que se estabelece ao longo da Guerra Fria. Para os pensadores vinculados à segurança nacional norte-americana, o mundo passava por um período de confronto provocado pela existência de um projeto soviético de expansão. Manifestação dessa perspectiva foi a declaração da Doutrina Truman, que se propunha a realizar a contenção do suposto expansionismo comunista. Os motivos para essa suposição devem ser buscados na crença de que os movimentos comunistas grego e turco do imediato pós-segunda guerra estavam sendo manipulados pela União Soviética e de que a situação de destruição existente na Europa naquele momento possibilitava a disseminação do comunismo. Apresenta-se, nesse sentido, como uma manifestação do “trauma de Munique” (Link, 1965, p. 1165). Segundo assinala Comblin, para “os protagonistas da Doutrina Truman – G. Kenan, H. Morgenthau, R. Strausz-Hupé, W. Lippman etc., - o comunismo russo seria uma repetição do nazismo. O comunismo seria conquistador e expansionista, assim como o nazismo. A política soviética é uma política de guerra: visa à conquista do mundo” (Comblin, 1978, p. 39). Ainda, dentro desta linha de raciocínio, o expansionismo deveria ser contido de todas as formas.

¹⁴ Pinochet faz, aqui, referência ao problema da crise dos mísseis cubanos, ocorrida em 1962.

política indicava a ausência de perspectivas para uma solução “sin caer en excesos”, e Pinochet convocava a “clase dirigente chilena” – os dirigentes políticos e o conjunto tanto da alta oficialidade quanto da suboficialidade das FFAA – “patriota, ilustrada y responsable” a criarem um “muro de contención por esta clase” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 182).

O isolamento a que estivera submetido o Chile até então e que havia proporcionado o desenvolvimento de uma profunda fraternidade chilena já não existia. Os avanços tecnológicos teriam dado fim a essa situação. Nesse sentido, mesmo a fraternidade, característica chilena e um importante elemento colaborador da contenção das doutrinas “foráneas”, encontrava-se debilitada (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 50-51).

O autor assinala que, embora naquele momento o problema não estivesse colocado de forma cabal, mais cedo ou mais tarde seria necessária uma ação para reconduzir a população ao “sentido de autoridade dos governos”. As limitações impostas pela democracia inibiriam uma ação mais forte para “defenderse de movimientos internacionales”, inviabilizando a adoção de “medidas restritivas a ideologias como la marxista”. Segundo Pinochet, essas limitações teriam sido articuladas para inibir a existência de um Estado que extrapole de suas funções e que “degenere em tirania”. Mas, como a ameaça era acima de tudo exterior, essa situação deveria ser alterada (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 186).

Pinochet sugere uma “revisión total de la Carta Fundamental” em nome da defesa da democracia (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 199). Segundo afirma, a “democracia formal” e ao “estilo clásico” não seria a única forma de conservar a liberdade individual ou coletiva. Pelo contrário, em países onde a democracia pluralista existia quando da expansão do marxismo, o sistema foi “incapaz de preservar a esos Estados de la desintegración u lo esencial que se trata de guardar, la libertad, se perdió definitivamente” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 197). Fazer frente à ameaça comunista significaria estar imune à sua penetração para que a decomposição por dentro não se estabeleça “como lo ha realizado en todas las naciones que ha agredido creando ‘Bases Ideológicas’ para el total dominio”.

Como assinalado anteriormente, Pinochet escrevia pensando diretamente nos problemas gerados pela ampliação da participação política ao longo do governo de Eduardo Frei¹⁵. Outra fonte de alarme era a aproximação diplomática com a União Soviética, desenvolvida também ao longo desse governo.

Democracia

Como observado anteriormente, a América Latina e, mais especificamente, o Chile estariam sendo alvos de um intenso ataque por parte dos comunistas, o que colocava um sério problema para um país caracterizado por um acentuado “espíritu democrático y un acendrado amor a la libertad” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 17). O sistema democrático, em seu modelo formal e tradicional, caracterizar-se-ia por estabelecer uma série de limitações no combate a essa ameaça que estaria a adentrar a sociedade chilena. Nesse sentido, a democracia impedia uma ação mais contundente para “defenderse de movimientos internacionales”, inviabilizando a adoção de “medidas restritivas a ideologias como la marxista”. Nenhum país estaria livre desses ataques. E até mesmo nos Estados Unidos a liberdade existente também poderia ser ameaçadora. Ainda que os EUA fossem a principal nação envolvida na luta contra o comunismo no plano internacional e se apresentassem como um dos dois “centros de atracción mundial”, seu poder atraía o Chile a seguir sua política em diversos aspectos. A existência de uma liberdade excessivamente ampla teria permitido a infiltração comunista e colaborado para a “descomposición a la constitución del Estado” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 22).

E quais seriam essas limitações? Pinochet apresenta sérias reservas em relação ao pluralismo partidário. Segundo entende, o pluripartidarismo acaba por se caracterizar pela busca no atendimento e satisfação de interesses pessoais. E o excesso de embate político viabilizaria o próprio enfraquecimento da nação ao esmorecer o sentido de coletividade e fraternidade, entravando as melhores intenções e propósitos existentes. Isso seria comprovável, segundo o autor, já que em países onde a democracia pluralista existia quando da expansão do marxismo o sistema foi incapaz de evitar a desintegração.

Outra limitação estaria na existência da liberdade de opinião, ambiente fértil a proporcionar que o comunismo se estabelecesse livremente como doutrina política a disputar a adesão dentro da sociedade chilena. A liberdade ideológica viabilizaria que se ampliasse o espaço de difusão de um conjunto de ideias que degeneravam a sociedade. A preservação do Estado corria sério risco, já que a pluralidade de opinião e de convicções políticas proporcionava um excelente ambiente para a difusão do comunismo. Segundo afirma,

¹⁵ Pinochet não era o único a observar com preocupação a ascensão dos movimentos sociais ao longo do governo de Eduardo Frei. Angel Soto, descrevendo o estilo “conciliador” e “neutro” do jornal *El Mercurio*, assinala que essas características teriam sido “deixadas de lado” quando foi inaugurado um caderno especial intitulado *Página Económica*, como uma reação à derrota das direitas e à ascensão ao poder de Frei em 1965. Afinal, como assinala Fernando Silva, o jornal “apoya a todos los gobiernos, porque pone en practica el principio del bien común [...] la crítica es cuando se desvía de tales principios” (Entrevista com Fernando Silva, in Soto e San Francisco, 2003, p. 36).

La soberanía de Chile se ejerce a través de los Poderes Ejecutivo, Legislativo y Judicial, los que están claramente determinados en sus funciones y limitaciones en nuestra Carta Fundamental. Sin embargo, a pesar de la claridad de este documento primário, un análisis en profundidad y ante las nuevas ideologías que han prosperado en el país, parece aconsejar que él debe ser revisado y actualizado, de manera de proteger nuestro sistema democrático, so pena de caer en situaicones de difícil retorno (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 188).

Por conta desses aspectos, o conceito de democracia deveria ser revisto e modernizado. Para Pinochet, democracia

ya que no es otra cosa que el respeto absoluto a la persona humana con todos sus atributos esenciales: próprio destino, libertad, igualdad ante la justicia y ante la Ley, y en consecuencia son ésos los que hay que proteger (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 198).

Esses seriam direitos inerentes à pessoa humana que deveriam ser garantidos através da implementação de uma “Democracia real”, ou o governo “conforme a la soberanía o conciencia nacional y cuyo Gobierno será, a la vez, verdaderamente representativo en cuando actúe interpretando sus tácitos dictados”. A proposta de reforma visava, segundo entendia Pinochet,

*consagrar el poder más que limitarlo (como lo hace la Constitución de 25) por cuanto el **enemigo de la libertad personal** no es ya el Gobierno (limitado hoy por una conciencia colectiva cada vez más activa) sino que proviene desde el exterior (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 199, grifo do autor).*

As modificações no âmbito do executivo deveriam propiciar a capacidade necessária para fazer frente à ameaça existente, evitando “con ello la tramitación burocrática o política partidista que entraba maliciosamente las mejores intenciones y buenos propósitos del gobierno”.

A liberdade de consciência e de culto deveria ser estimulada, mas com um limite imposto pelo privilégio que deveria ser conferido à unidade nacional (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 182). Nesse sentido, propunha-se uma sociedade livre, democrática e que conferiria garantias para que sua população desfrutasse dos “derechos inherentes a la persona humana, como la vida, la libertad, la seguridad, el honor, trabajo, propiedad, etc.”. Mas também outorgaria “la autoridad y fuerza para mandar y poder realizar sus acciones a los elementos que la componen”. Aliás, este último aspecto se sobreporia ao primeiro.

A preservação dos valores era de suma importância, pois

cuando se observa que ideas foráneas de carácter violento, totalitário-marxista son difundidas dentro del país sin tomar ninguna medida para detenerlas a pesar de que ellas atentan contra derechos inherentes a la persona humana, nos preocupa intensamente, por lo cual estimamos que quien estenta el poder es responsable de arbitrar todos los médios paliativos para impedir se continúe en esta agresión marxista, lo cual no se observa hasta la fecha (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 194).

Assim, o poder do Estado deveria ser mobilizado para que a autoridade fosse estabelecida. E, caso isso não ocorresse, “si la autoridad no actúa drásticamente, Ella misma está contribuyendo a un resultado final que puede ser grave para la vida institucional de la Nación”.

A liberdade a ser preservada estava submetida à prioridade da exclusão da ameaça comunista. Seria um “falso concepto de libertad” impor aos estudantes “asistir a concentraciones o acatar a líderes marxistas para estar tranquilo en la universidad”. Ou, ainda, permitir que um trabalhador seja obrigado a fazer greves “bajo la amenaza o en nombre del compañerismo que no siente o no quiere” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 198).

E que grupos deveriam ser chamados à responsabilidade para encaminhar o país no estabelecimento desse novo formato de democracia? Que setores teriam o dever de capitanear a nação, interpretando fielmente sua vocação e direcionando-a para os seus reais objetivos? O instrumento de contenção dessas ideias ameaçadoras para a existência do próprio Estado Chileno seria a “clase dirigente chilena [...] patriota, ilustrada y responsable en el ámbito nacional”. Além dos dirigentes políticos, pertenceriam a essa classe os “Altos Mandos, al Oficialidad y la Suboficialidad de nuestras Fuerzas Armadas” (Pinochet Ugarte, 1979 [1968], p. 182).

Considerações finais

Busquei neste artigo assinalar a necessidade de compreender um pouco mais da perspectiva política de Pinochet sobre a sociedade chilena no momento anterior ao desencadeamento do movimento civil-militar que depôs Salvador Allende. Os trabalhos anteriores que procuraram apresentar algumas considerações sobre o assunto focaram sua atenção basicamente em torno das concepções de geopolítica de Pinochet e utilizaram-se fundamentalmente da mesma obra: *Geopolítica*. Procurei seguir outro caminho, considerando não apenas outro

objeto de análise – a obra *Ensayo sobre un estudio preliminar de una geopolítica de Chile en el año 1965* –, mas atentando também outros aspectos para além da geopolítica.

Zárate assinala que o processo de deliberação castrense iniciou-se entre os anos 1968 e 1969, decidido e liderado pelo alto oficialato. Pinochet teria sido uma das últimas lideranças a serem incorporadas no movimento civil-militar, conforme assinala a autora e outros analistas. Contudo, já desde a segunda metade dos anos 1960, algumas das percepções que desencadearam uma ação mais incisiva das direitas estavam presentes de forma intensa nesse personagem.

Não se deve perder de perspectiva, ainda, que Pinochet exerceu funções de extrema importância que o coloca como um dos principais propagadores de uma concepção específica sobre a Doutrina de Segurança Nacional. Principalmente no que tange a aspectos como o anticomunismo, a noção de democracia protegida, bem como a ideia de geopolítica associada à existência de uma predeterminação quanto à “vocaçã” de uma nação. Segundo Pinochet, o comunismo ameaçava a preservação da integridade interna. Era uma doutrina “forânea”, que proporcionava a propagação de males que inviabilizavam a existência do Estado Chileno. Para que isso não ocorresse, tornava-se necessário modificar as bases da democracia no país, já que a pluralidade de opinião e de convicções políticas proporcionava um excelente ambiente para a difusão do comunismo. Portanto, afirmava, todos os esforços deveriam ser adotados para que, dentro da concepção de geopolítica defendida por ele, o Chile preservasse efetivamente os valores da cultura ocidental e, por consequência, a “índole chilena”

Tendo sido professor da Escuela Militar, diretor de uma revista destinada ao oficialato, um dos responsáveis pela reorganização da Academia de Guerra do Equador, professor e subdiretor da Academia de Guerra do próprio Chile, Pinochet foi responsável direto ou indireto na formação de inúmeros oficiais das Forças Armadas Chilenas. Esse aspecto pode ter sido, inclusive, um dos fatores a colaborarem para a rapidez com que o general obteve a legitimidade necessária para alçar-se como liderança do novo regime, dentre o núcleo de militares organizadores do golpe.

Nesse sentido, torna-se importante conhecer suas perspectivas acerca de geopolítica, democracia e anticomunismo que, mesmo antes da chegada da Unidad Popular (UP)¹⁶ ao poder, já se caracterizavam como profundamente antidemocráticas e marcadas por uma aversão e temor do comunismo. E, ainda que em seu discurso observem-se referências ocasionais a aspectos como o direito à liber-

dade, à segurança e à vida, todas essas questões estavam submetidas à prevalência de uma sobrevivência do Estado e da “cultura ocidental”.

Referências

- AGGIO, A. 1993. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo, UNESP, 181 p.
- BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DE CHILE. [s.d.]. Disponível em: http://www.bcn.cl/bibliodigital/pbcn/bibliografias/estudios_pdf_bibliografias/AugustoPinochet.pdf. Acesso em: 05/08/2011.
- BITAR, S. 1980. *Transição, socialismo e democracia – O Chile com Allende*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 428 p.
- COGGLIOLA, O. 2001. *Governos militares na América Latina*. São Paulo, Contexto, 121 p.
- COLLIER, David. *O novo autoritarismo na América Latina*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982, 407 p.
- COLLIER, S.; SATER, W.F. 1996. *Historia de Chile – 1808-1994*. Madri, Cambridge University Press, 359 p.
- COMBLIN, J. 1978. *A ideologia de Segurança Nacional – o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 251 p.
- FONTANA, A. 1984. Forças Armadas e ideologia neoconservadora: o ‘encolhimento’ do Estado na Argentina (1976-1981). *Dados – Revista de ciências sociais*, 27(3):347-359.
- FUNDAÇÃO PINOCHET. [s.d.]. Disponível em: <http://www.fundacionpinochet.cl/historia/biblioteca.html>. Acesso em: 05/08/2011.
- GARRETÓN, M.A. 1988. Evolução política do Regime Militar Chileno e problemas da transição para a democracia. In: G. O'DONNELL; P. SCHIMETTER, *Transições do regime autoritário*. São Paulo, Vértice, p. 140-186.
- HERRERA, G.A. 1986. *El pensamiento político de los militares*. Santiago, Editorial Aconcagua, 226 p.
- LINK, A.S. 1965. *História Moderna dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Zahar, 992 p.
- MENDES, R.A.S. 2004. As direitas latino-americanas: anticomunismo e defesa da legalidade no Brasil (1964) e no Chile (1973). In: ENCONTRO DA ANPHLAC, VI, Maringá, 2004. *Anais...* Maringá, p. 1-15.
- MENDES, R.A.S. 2003. *Visões das Direitas no Brasil: 1961-1965*. Niterói, RJ. Tese de Doutorado. UFF, 288 p.
- O'DONNELL, G. 1990. *Análise do autoritarismo burocrático*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 428 p.
- PADRÓS, E.S.; MARÇAL, F.A. 2000. Terror de Estado e Doutrina de Segurança Nacional: os ‘anos de chumbo’ no Brasil e na América Latina. *Revista Ciências & Letras*, 28:55-90
- PRADO, R.A.O. 2010. *Escenario y Estrategia*. Santiago, Colección Academia de Guerra Del Ejército de Chile. Disponível em: http://www.acague.cl/galeria/colecciones/pdf_02052011160627.pdf. Acesso em: 15/08/2011.
- ROUQUIÉ, A. 1984. *O Estado Militar na América Latina*. Rio de Janeiro, Alfa-Omega, 476 p.
- SOTO, A.; SAN FRANCISCO, A. 2006. *Un siglo de pensamiento militar en Chile – El Memorial del Ejército (1906-2006)*. Santiago, Ediciones Centro de Estudios Bicentenario, 217 p.

¹⁶ Frente Política que levou Salvador Allende ao poder nas eleições de 1970.

VALDÉS, J.A.T. 1980. *El terrorismo de Estado – La Doctrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur*. México, Editorial Nueva Imagen, 283 p.

ZÁRATE, V.V.O. de. 2006. *El Golpe Despues Del Golpe: Leigh vs Pinochet – Chile 1960-1980*. Santiago, Editorial LOM, 259 p.

Fontes primárias

PINOCHET UGARTE, A.J.R. 1955. *Síntesis Geográfica de Chile – las relaciones espaciales, aspectos geográficos, geohumanos, geografía política y económica de Chile*. Santiago de Chile, s.n.

PINOCHET UGARTE, A.J.R. 1960. Introducción al Estudio de la Geografía Militar”. In: CHILE, *Memorial del Ejército de Chile*. Santiago de Chile, Estado Mayor General del Ejército, nº 297.

PINOCHET UGARTE, A.J.R. 1963. *Síntesis geográfica de Chile, Argentina, Bolivia y Perú*. Santiago de Chile, Instituto Geográfico Militar, 352 p.

PINOCHET UGARTE, A.J.R. 1979. *Ensayo sobre un estudio preliminar de una geopolítica de Chile en el año 1965*. Santiago, Memorial del Ejército de Chile/Biblioteca del Oficial, vol. LXII.

PINOCHET UGARTE, A.J.R. 1967. *Geografía Militar: interpretación militar de los factores geográficos*. Santiago de Chile, Instituto Geográfico Militar.

Submetido: 12/12/2011

Aceito: 09/04/2012